

RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

HÁ EXATOS CINCO ANOS, QUANDO EU AINDA ESTAVA ÀS VOLTAS COM MINHA FORMAÇÃO COMO JORNALISTA NA PUC-SP, UMA CAPA DA REVISTA-LABORATÓRIO “ESQUINAS DE S.P.”, DA “CONCORRENTE” FACULDADE CÁSPER LÍBERO, GANHAVA OS HOLOFOTES DAS UNIVERSIDADES E DA IMPRENSA PROFISSIONAL.

A bordando o tema da intolerância, “Esquinas” trazia uma capa provocativa: um casal gay, formado por um branco e um negro, beijando-se. Nas orelhas de cada homem, brincos nos formatos de uma cruz e da estrela de Davi. “Maravilhosa”, pensei.

A polêmica, porém, não tardou. O diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo à época, Sérgio Kobayashi, achou-a de “mau gosto” e se recusou a imprimir a revista, sempre rodada em suas máquinas. A sorte foi que Prefeitura da capital bancou a impressão.

Houve quem considerasse Kobayashi intolerante: para os alunos que editaram a “Esquinas”, sua posição foi equivalente a censura, segundo informou, à época, o “Observatório da Imprensa”.

A pergunta que me fiz ao ler aquela notícia ainda ronda a cabeça: o que é que foi de mau gosto? Sempre me pareceu que “mau gosto” é aceitarmos as manifestações de intolerância, como se isso fosse um “direito” das pessoas.

Tolerância e intolerância

Quando falamos de minorias e discriminação, o conceito de intolerância é consenso, auto-evidente, dispensa explicações – e deve ser combatido. Aí, vem a pergunta: seria a tolerância o oposto da intolerância?

O “Esquinas de S.P.”, na voz de seus entrevistados, dizia que não. “Tolerância” dá a idéia de algo que se suporta, por “não haver outro jeito”, e não de algo com que se convive em respeito às diferenças e à alteridade. Por isso, o oposto da intolerância é precisamente o respeito às diferenças.

No entanto, será que esse respeito é válido para todos, em qualquer situação? Alguém

francamente intolerante pode agir livremente como tal sob o argumento do “respeito às diferenças”?

Troca-troca social

Eu penso que não – e por um motivo simples. Entendo que esse respeito é algo que necessariamente se realiza em correspondência, em retroalimentação, em via dupla.

Por exemplo, se temos um segmento social formado por dois grupos e um deles respeita as diferenças do outro, somente se o outro tiver a mesma atitude em relação ao primeiro é que, do ponto de vista do segmento como um todo, o respeito vai realmente se estabelecer, trazendo consigo os benefícios de uma convivência harmoniosa.

É também somente nessa situação que cada grupo, individualmente, poderá exigir o respeito do outro – porque ele próprio está disposto a respeitar.

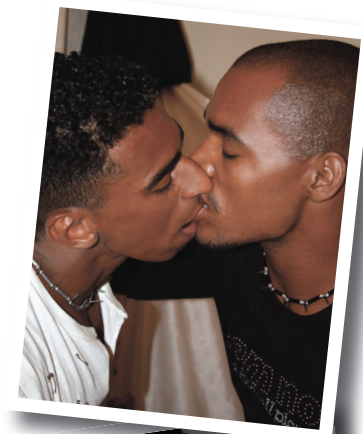
O problema com os intolerantes é que eles não atendem a esses requisitos. O intolerante quer ser “respeitado” em suas posições – mas não respeita os demais grupos exatamente por causa delas.

Não há contrapartida, não há correspondência, não há retroalimentação. O respeito, em relação ao todo,

não se dissemina, não se realiza, não leva a sociedade, ou o segmento que for, à convivência harmoniosa.

Pelo contrário, o “respeito” ao grupo intolerante levará a uma erosão das relações, pois tal grupo se sentirá livre para atacar e tentar destruir um outro, empurrando aquele segmento, ou a sociedade, numa direção diametralmente oposta à defendida pelo conceito de respeito às diferenças em si.

Não, não faz sentido ser “tolerante com os intolerantes”. Afinal, respeito é bom, todo mundo gosta – e *todo mundo* deve dar.



SEXBOYS ARTIGO

por
João Marinho
jornalista



João Batista Pedrosa é psicólogo clínico especializado em terapia com enfoque em sexualidade e analista do comportamento com curso de especialização em Psicoterapia Comportamental e Cognitiva pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Atende no seu consultório, em São Paulo. Marque sua consulta por e-mail: pedrosa@syntony.com.br; site: www.syntony.com.br; ou fone: (11) 3031-2493.